

SENADO FEDERAL
FRAUDE NO SENADO

Depoimento não convence senadores; Arruda vai insistir em que ACM pediu lista secreta

Maioria quer processo de cassação

FABIANO LANA E
MAURÍCIO LIMA

BRASÍLIA – Os senadores do Conselho de Ética não se convenceram com as palavras do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) no depoimento de ontem. Na opinião de pelo menos 9 dos 17 senadores do Conselho, já há indícios suficientes para que seja aberto um processo de cassação contra o senador baiano. Uma das demonstrações mais claras de que os senadores não ficaram satisfeitos com as explicações de ACM é que eles decidiram pedir uma acareação entre o ex-presidente do Congresso, o senador José Roberto Arruda (sem partido-DF) e a funcionária do Prodasen Regina Borges.

“Assim que chegar o requerimento pedindo a acareação vou deferi-lo”, anunciou o presidente do Conselho de Ética, senador Ramez Tebet (PMDB-MS). O senador concorda que a acareação seja realizada logo após o feriado da semana que vem. “A acareação é inevitável. O depoimento foi pouco verossímil. Antonio Carlos é muito cioso de sua autoridade para receber de Arruda algo criminoso e não tomar providências”, afirmou o senador Jefferson Péres (PDT-AM). “É preciso iniciar o processo de cassação, mas sem preocupação ou aqodamento”, completou. O senador Nabor Júnior (PMDB-AC) também endossou a tese: “Há claras contradições entre os três (Arruda, ACM e Regina). Precisamos ouvi-los todos juntos.” O senador Ney Suassuna (PMDB-PB), outro membro da comissão engrossou o coro: “A abertura do processo de cassação é inevitável”.

Já o senador José Roberto Arruda gostou do depoimento de ACM: “Foi muito bom. Mostrou que há apenas divergências pontuais a serem esclarecidas. O episódio no ponto certo: o que ocorreu foi apenas uma infração regimental”, declarou. Em seu depoimento hoje no Senado, Arruda vai relatar um encontro no qual ACM teria o consultado sobre a obtenção da listagem secreta, confidenciou o senador a amigos.

Ontem ACM se prontificou a comparecer a uma confrontação frente a frente com Arruda para dirimir dúvidas do depoimento. Foi Arruda quem pediu ao senador Álvaro Dias (PSDB-PR) que perguntasse a ACM quantas vezes ele esteve com a funcionária Regina Borges do Prodasen. ACM respondeu que apenas uma. Hoje, em seu depoimento, Arruda promete dizer que foram três vezes.

O senador Antonio Carlos

preparou-se durante duas horas para o discurso de ontem. Reuniu-se pela manhã em sua casa com o advogado Márcio Thomaz Bastos e uma equipe de assessores. Leu e repassou o discurso de 20 laudas. Foi Bastos quem lhe sugeriu seguir a linha de que ele não tomou providências contra a violação da lista por ser uma grave “questão de Estado” e que, se o caso viesse a público, poderia desacreditar o Senado.

Muitos senadores deixaram claro que não teriam a mesma atitude caso estivessem na posição de presidente do Senado. “Eu jamais faria isso”, disse Pedro Simon. “Se eu estivesse no lugar dele, agiria diferente”, declarou o senador Antero Paes de Barros (PSDB-MT).

Outra linha de defesa sugerida por Bastos foi repetir que nunca havia pedido a lista. O raciocínio de Bastos foi transferir a culpa para Regina Borges, a funcionária do Prodasen que entregou a lista a Arruda. Insistindo em frases como “ela estava estressada” e “Regina estava em pânico”, ACM conseguiria reforçar a imagem de que a funcionária decidiu deliberadamente obter a lista.

A estratégia, no entanto, não fez sucesso. Houve quem reconhecesse que ACM utilizou a única defesa possível para insistir na tese da inocência. “Ele apresentou um ponto que precisa ser avaliado. Acho, porém, que só a acareação vai dirimir as dúvidas.” Mas até alguns de seus pares não ficaram animados com o resultado do depoimento. O senador pefelista Geraldo Althoff (PFL-SC), um dos membros do Conselho de Ética, reconheceu que ACM entrou em contradição algumas vezes durante a sua fala. “Não há dúvida de que o senador cometeu um ilícito”, admitiu Althoff.

A situação de Antonio Carlos Magalhães já era muito difícil antes do depoimento. Na avaliação da maioria dos senadores da Comissão de Ética, o problema de ACM agravou-se. O fato é que o senador não conseguiu explicar por que, ainda no cargo de presidente do Senado, havia negado por três vezes que tinha visto a lista de votação.

Já o senador Ramez Tebet alertou que tanto ACM como Arruda só terão prazo até a conclusão do relatório de Saturnino Braga para adotar a saída da renúncia. Depois da aprovação do parecer pelo Conselho de Ética, uma representação será encaminhada à mesa do Senado. Após a representação, os dois poderiam até renunciar, mas não teriam como manter os direitos políticos e a elegibilidade para 2002.

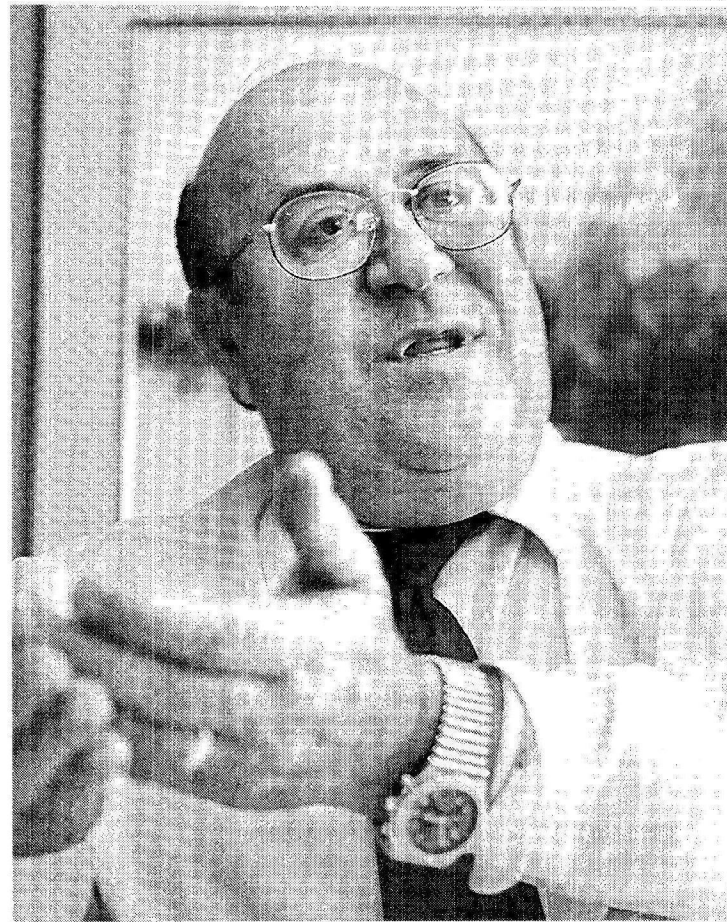
Brasília – Davi Zocoli



“Por que o senhor não fez escândalo? Não chamou os líderes?”

Pedro Simon (PMDB-RS), criticando silêncio de Antonio Carlos Magalhães ao receber a lista

Samuel Martins – 10/04/2000



“A abertura do processo de cassação é inevitável”

Ney Suassuna (PMDB-RN)

Brasília – Davi Zocoli



“A justificativa para segredo de Estado só seria válida se ele não comentasse com ninguém. Ele comentou comigo, com os procuradores, com outros senadores”

José Eduardo Dutra (PT-SE)

José Paulo Lacerda/AE



“Ele alegou razões de estado para entrar em contradição. Ele disse que com isso preservaria a casa. O problema é que, com essa atitude, acabamos nessa situação”

Eduardo Suplicy (PT-SP)